

# O SOL POR TESTEMUNHA

HEER

**Hugo de Almeida Souza**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

*Eu desenvolvia uma velocidade normal, moderada, porque nessas pequenas cidades do litoral há sempre algum desprevenido atravessando a rua sem o devido cuidado. O movimento estava um pouco grande e não havia nenhuma vaga para eu estacionar, por isso parei em fila dupla para papai descer. Mal parei o carro, naturalmente com o braço do lado de fora, e começou aquele inferno de buzinas atrás de nós.*

Ali é meu caminho. Todas as tardes, quando vou à casa de Laura, para jogar buraco, passo por aquela esquina. Naquela tarde eu notei que havia um movimento maior e vi a fila de carros que andava lenta e colorida na rua quente. Talvez um tanto silenciosa, mas, de vez em quando, ouvia-se uma buzina. E quando um Volks verde parou no meio da avenida, interrompendo todo o tráfego, as buzinas aumentaram, fazendo um barulho ensurdecedor. Eu fiquei olhando, porque pressenti que ia acontecer alguma coisa.

*Eu balancei o braço com mais insistência, pedindo um pouco de paciência, e já um tanto nervoso, principalmente por papai que sempre fica irritado nessas situações. Papai demorava para descer, como sempre, colocando com dificuldade sua muleta debaixo do braço esquerdo. Nesses segundos que*

*ficamos parados, uma buzina se destacava das outras. Era uma buzina aguda, forte, estridente, como essas de caminhão.*

A princípio parecia apenas uma parada rápida, para alguém descer, e isso demoraria poucos segundos, o que provocaria algumas buzinas, no entanto. Mas a parada se prolongava, e o motorista movimentava o braço fora do carro, insistentemente, como se pedisse um pouco de paciência. A fila se alongava e as buzinas soavam forte e insistentes.

*Olhei pelo espelho retrovisor e não vi nenhum caminhão, então pensei que se tratava de algum rapaz abastado com o carro esporte, pequeno, escondido no meio da fila que já se achava grande. Papai já começava a pregar, quando saía do carro e, prevendo alguma coisa, eu também desci.*

Havia uma buzina mais forte do que todas, uma buzina de caminhão, e notei que o motorista do Volks estava nervoso por causa daquela buzina. Olhei para trás e, com certa dificuldade, localizei um Puma branco com um rapaz louro na direção. Era ele quem buzinau daquele jeito.

*Abri a porta tranquilamente, olhei para trás, fiz um gesto com a mão direita e disse para todos: espera, espera. Dei a volta no carro, cheguei até papai e o apoiei ao meu ombro direito. Pedi-lhe um pouco de calma, estava muito nervoso, dizia palavras em altos brados sem se importar com as crianças e senhoras que estavam na calçada. Naquele momento a multidão já era grande e o tumulto, completo. Tentei levar papai até o passeio, porque temia que ele continuasse parado, xingando, sem nenhum proveito; apenas ficaria mais nervoso ainda, e eu tinha que voltar ao carro.*

Quando voltei a olhar para o Volks, um velho, nervoso, parecendo que possuía um defeito físico qualquer, estava descendo. E o velho xingava coisas que prefiro não dizer, xingava e gesticulava muito. Então o motorista, um senhor

de seus trinta e cinco anos talvez, que devia ser filho do velho, notando o nervosismo do pai, também desceu. Abriu sem nenhuma pressa a porta do Volks, olhou para trás e fez um sinal para os carros, como quem diz: espera, calma. Então ele deu a volta no carro e foi ajudar ao velho subir o passeio. Com essa parada demorada, ajuntou muita gente, e as buzinas continuavam cada vez mais insistentes.

*E, quando alcancei o passeio com papai encostado ao meu ombro direito, ouvi um grito de "ladrão", olhei para trás sem poder imaginar que acabavam de levar meu Volks.*

Quando o homem chegou ao passeio com o pai, escorando-o em seu ombro direito, ouviu-se um grito de "ladrão". Eu olhei para o lugar onde estava o Volks e sabia o que havia acontecido: mais um roubo de carro em pleno dia.

*Impressionante que ninguém parecia interessado em deter o carro roubado. Pelo contrário, principalmente os carros que estavam buzinando, ninguém se importou com o furto: pareciam até satisfeitos pela desobstrução da pista.*

Eu estava perto do homem com o velho e notei que ele fazia menção de impedir o roubo, então eu lhe disse que aquilo era impossível, porque àquela altura já haviam atingido a rodovia e não adiantava mais nada, e também porque ninguém ali o ajudaria e, afinal, que roubo daquele era comum na cidade.

*Então uma moça de short e miniblusa cor de rosa, que nesse momento estava parada na esquina, disse-me que o Volks já havia atingido a rodovia que ficava a duas ou três quadras daquela esquina. Disse-me também que não adiantava eu querer ir atrás porque já era tarde para isso e ninguém certamente se disporia a me ajudar e que roubo daquele era comum no lugar.*

A fila começou novamente a andar, e o velho, confuso, parecia não entender o que estava acontecendo e xingava novamente. Foi então que o Puma passou na frente dos dois, e o rapaz louro colocou a cabeça para fora e disse para o homem que o Volks e o pai eram velhos, mas que o carro, pelo menos, andava. Nesse momento, o homem teve um ímpeto desesperado, quase derrubando seu pai, quando pegou de sua muleta e atirou no vidro traseiro do Puma.

*Papai não compreendia nada e recomeçou seu xingatório quando um Puma branco passou buzinando, e o rapaz que o dirigia pôs a cabeça de fora e, sorrindo, disse-me: “Todos dois velhos, mas pelo menos o carro andava”. Quando ouvi isso não hesitei um segundo: joguei a muleta de papai no vidro de trás do Puma branco.*

O rapaz louro parou seu carro, desceu, virou-se para trás e *Então o rapaz parou seu carro, desceu furioso, a fila atrás fez um gesto pedindo calma à fila que já buzina. Então ele dele começou a buzinar, ele fez um gesto com a mão pedindo caminhou para os dois, e nesse momento ouvimos o mesmo calma e, quando se aproximava de nós, ouvimos um grito.... grito que havíamos ouvido há pouco; o rapaz louro olhou para*

.....  
**trás** .....  
.....  
.....